



REIS

REVISTA ANUAL DE OVAR 2024

de pequenino se torce o pepino

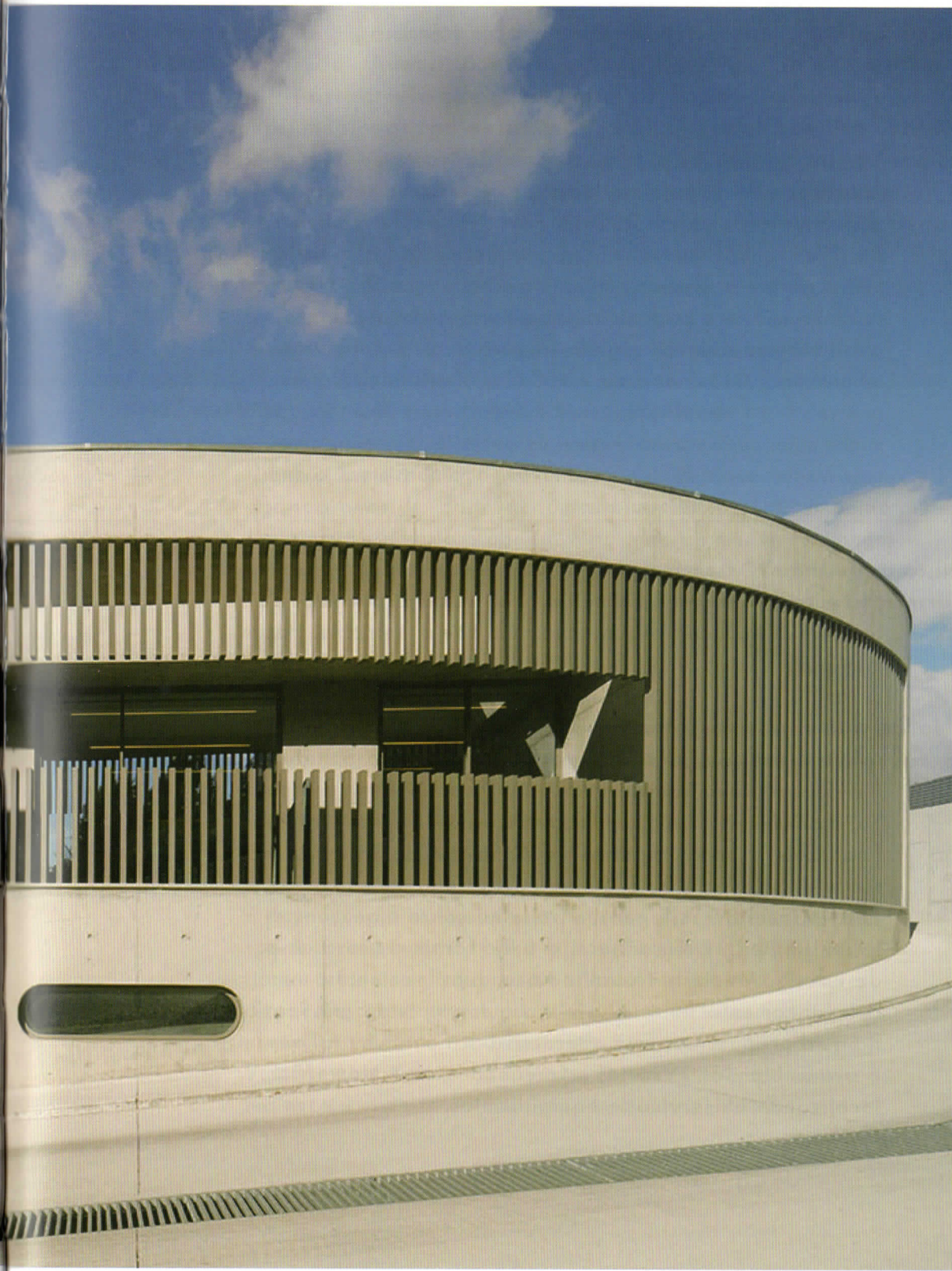
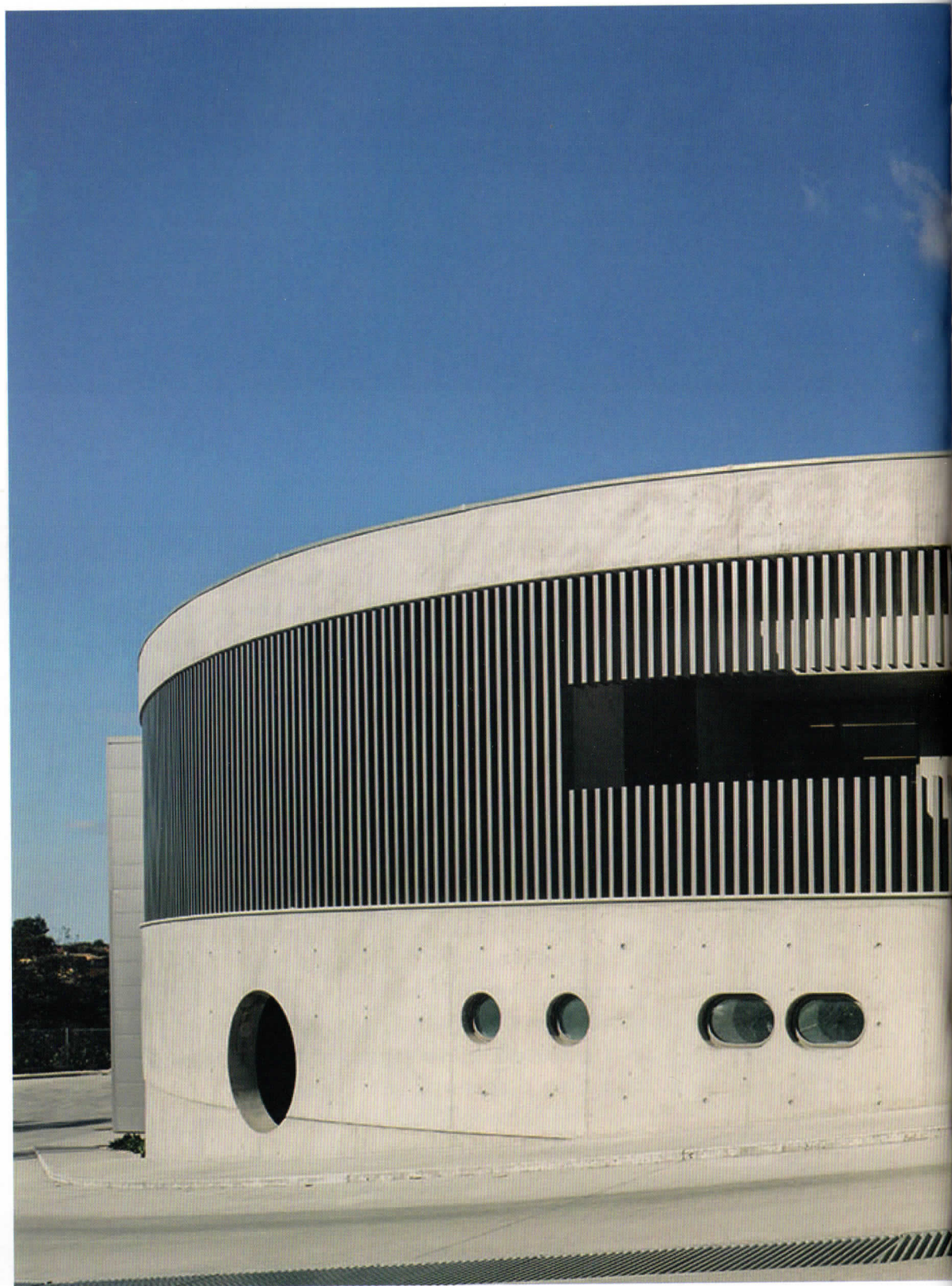


Arquiteto José António Cruz Lopes da Costa: Porquê a dimensão clássica do modernismo ?

Em S. João de Ovar, desde 1989, existe um atelier de arquitetura que tem vindo a produzir sistemática e continuamente... Arquitetura. Fundado pelo arquiteto José António Cruz Lopes da Costa, ocupando um pequeno edifício que já foi escola, muito próximo da escola primaria onde o José António aprendeu a ler e a escrever (e talvez a desenhar....) este atelier onde trabalham atualmente cinco arquitetos e uma "gestora administrativa" tem produzido um vasto e variado leque de projetos e de obras, abarcando uma grande diversidade de conteúdos programáticos. A arquitetura do Atelier Lopes da Costa reconhece-se. Branca, linhas e formas geométricas simples, longas perspectivas. Acresce-se uma gama de generosas transparências e diálogos com o exterior, cuja luz realça a plasticidade dos materiais. E funciona..

Perante este caso de sucesso, bem conhecido no panorama arquitetónico português, podemos e queremos saber mais, divulgando sucintamente os percursos do mentor do Atelier, percursos que no desenrolar da conversa se vão cruzando e sobrepondo, tornando difícil discernir onde acaba o trabalho e começa o Homem.

Assim, divulgamos aos leitores da revista Reis um pouco da conversa que ocorreu no passado mês de Outubro na Casa Museu de Júlio Dinis, projeto do Atelier Lopes da Costa, no sentido de darmos a conhecer um pouco mais acerca da pessoa que criou, gere e orienta o trabalho deste atelier, o arquiteto José António Lopes da Costa, natural de Ovar, nascido a 22 de Maio de 1959.



HV- José António, nasceste em Ovar, recordo-me de ti no âmbito do concurso das "construções na areia" que ocorriam todos os anos na praia do Furadouro, éramos rapazes de nove ou dez anos, tinhas por hábito ganhar os primeiros prémios, que eram quase sempre as bicicletas, ainda te lembras das construções que fazias na areia?

JA- Sim, lembro muito bem, iam praticar para o norte ou sul da praia, a minha mãe, eu e o meu irmão Álvaro. A minha mãe era professora primária e nutria pelas artes plásticas uma especial paixão, o que de certa forma nos influenciou. Os temas eram escolhidos aleatoriamente, um guerreiro, um espadachim... e também com a influência da minha mãe, passávamos horas a desenhar, com o meu primo Luis Mota, na casa dos meus avós, a minha atual casa, onde vivi até aos sete anos...

Portanto a tua mãe teve uma grande influência na tua formação e no gosto pelas artes...

Sim sem dúvida, sem esquecer o muito que o meu pai me ensinou...

Mais tarde tive conhecimento, o teu projeto de final de curso, foi sobre o Furadouro não é verdade?...

Sim foi, eu tinha conhecido o arq. Manuel Fernandes de Sá, do Gabinete CEAP, que foi o meu orientador no trabalho final. Eles tinham um plano sobre esta Orla Costeira e sobre a Ria e nós, eu e o meu colega de curso Philippe Berdet, decidimos fazer um trabalho sobre algo concreto, existente.... O Furadouro, e a Ria foram o nosso caso de estudo. Mas este trabalho tinha duas vertentes, uma de planeamento do território, a outra mais urbanística, na qual propusemos uma alternativa ao eixo central que é a avenida dos BVPorto, reforçando o eixo Norte/Sul, localizando ali serviços e equipamentos.

E mais tarde ganhas o concurso de reformulação da Avenida e marginal do Furadouro... Portanto e pela infância que tiveste, foste inspirado pelos ares do nosso Mar. Consideras-te Vareiro?

Sim, mas também me sinto sanjoanense, de Bordéus, dos sítios por onde passei e vivi. Não me sinto de uma terra em especial... mas sei das minhas origens, sinto uma raiz muito portuguesa, o fado, a musicalidade, a saudade, experimentei muito destes sentimentos durante e depois da minha estada em França... E ao voltar há uma sensação difícil de explicar.

Sem dúvida! sei do que falas. Mas por onde começaste os estudos, qual o teu percurso escolar?

Como sabes nasci em Ovar, em S. João de Ovar, mas depois dos seis anos de idade mudámos para Cucujães. E andei no Liceu em S. João da Madeira. Mas como os meus pais tinham uma casa de férias no Furadouro, vínhamos a Ovar com muita frequência, a praia do Furadouro sobretudo no Verão, era uma constante.

E foste estudar para Bordéus...

Sim, em 1977 os meus pais decidiram que era melhor estudar fora do país. Era o tempo das passagens administrativas, tempos conturbados na academia. A escola de Arquitetura de Bordéus foi a escolha dada a "proximidade". E a reputação da escola também contou.

A escola de Bordéus tinha uma linha de grande abertura a novas tendências, era muito abrangente no que diz respeito a referências. Nessa altura já se começava a questionar o funcionalismo puro e duro, os modelos de rutura de escalas eram postos em causa, iniciava-se com determinação, o chamado movimento pós-moderno, as leituras de Venturi, Aldo Rossi, entre outros, foram muito importantes. Na escola vivia-se um ambiente bastante eclético.

E estiveste fora de Portugal durante seis anos...verdade?

Sim, depois de Bordéus ainda fiz um estágio de três meses no Brasil, no Rio de Janeiro, num gabinete de arquitetura e urbanismo denominado SBA, Sérgio Bernardes e Associados, gabinete que tinha um organismo denominado LIC, Laboratório de Investigação Conceptual, e foi nesse laboratório de ideias, cujo trabalho incidia sobre a cidade do Rio, que eu e mais cinco, experimentámos trabalhar em grande escala, não só territorial, mas também de ideias, sempre na senda do urbanismo... (A conversa flui sobre a experiência brasileira, com detalhes interessantes sobre esta estadia, os planos para o Rio de Janeiro, uma visita a Brasília...)

E como foi o regresso a Portugal?

Foi fácil a integração no mercado de trabalho?

Não foi nada fácil. Encontrei um Portugal muito diferente daquele que tinha deixado. E a minha vida mudou. Casei com a "Miré" e fomos viver para o Porto. A minha casa era o meu atelier. Na sala desenhava e recebia os clientes, na lavandaria tinha a máquina das cópias...

JA- Ela ajudava-me imenso, reagia muito bem. Ainda me lembro de a ver a dactilografar (escrever à máquina) memórias descritivas ...

JÁ-Temos dois filhos, o Afonso, que também é arquiteto e que neste momento também trabalha no escritório, faz parte da equipa, e a Constança, que fez advocacia, e que trabalha numa imobiliária, no Porto. E gosta do que faz.

Recordo-me da tua primeira obra, em Arrifana salvo erro, como foi a experiência do primeiro projeto tornado realidade?

Muito angustiante. Ia quase todos os dias á obra. As dúvidas eram muitas. A formação académica não nos preparava para o embate com a OBRA. Telefonava muito frequentemente ao Manuel Fernandes de Sá ... E foi com o Fernandes de Sá que integrei a equipa de elaboração do PDM de sta Maria da Feira, foi a minha primeira experiência profissional na área do urbanismo. E os trabalhos começaram a surgir. Lembro que um dos primeiros trabalhos foi o concurso para o mercado de Cujães, que não foi construído.

E hoje, em Portugal, como vez o processo de fazer cidade, ou paisagem?

Em Portugal os arquitetos foram sendo colocados á margem do processo urbanístico. Lamentavelmente, o processo de planeamento e urbanismo cinge-se quase sempre e apenas a regulamentos e normas. É trabalho sobretudo de advogados, burocratas, e outros profissionais que não sentem a matéria, o território e as pessoas.

Tens muitos trabalhos espalhados por diversas localidades, mas focando-nos em Ovar, quero referir o projeto da Escola Macedo Fragateiro, da autoria do teu Atelier, um excelente projeto, dito sobretudo por quem lá trabalha e estuda.

Queres comentar? Como foi o processo?

Correu muito bem, mas temos que ter sempre em conta toda a equipa envolvida num processo desta natureza. O desafio foi mesmo fazer uma escola , uma unidade, segundo padrões que eram sugeridos na encomenda. E podemos referir por exemplo, que em alguns aspetos técnicos, como o aquecimento e renovação de ar implementámos soluções inovadoras... Era intenção criarem-se espaços de estadia para além das aulas, espaços de encontro onde se criasse um espírito de comunidade, o que me parece que foi conseguido. Obteve-se uma imagem agregadora e coerente com a qual as pessoas se identificam.

E participaste até há bem pouco tempo, nos órgãos Sociais da Ordem dos Arquitetos, Secção Regional Norte. Tudo começou com o NAAV não foi?

A renovação do NAAV (Núcleo de Arquitetos de Aveiro) partiu da boa vontade de um grupo de arquitetos onde se incluíam alguns de Ovar, de Aveiro, de Ílhavo de Estarreja... E fizemos coisas muito interessantes. Mais recentemente fiz parte da estrutura da Ordem, fui membro do Conselho de Disciplina da Ordem dos Arquitetos.

E para Ovar, o que vêes em Ovar para as novas gerações? Faço esta pergunta porque estou preocupado em relação ao modo como (não) temos construído esta cidade. E não falo só de arquitetura. Falo sobretudo de urbanismo e estratégia. O que dirias a um pessimista intermitente, como eu?

Acredito que podemos fazer melhor, Ovar tem, sempre teve, imenso potencial, assente no território. O Mar a Ria, o campo, (as zonas rurais), podem proporcionar qualidade de vida. Aliás, acho que no atual panorama de carência habitacional, de especulação e aumentos de preços que estamos a viver, Ovar teria uma importante palavra a dizer. Mas vejo falta de "massa crítica", e uma tímida capacidade de decidir. O tempo de decisão e aprovação de projetos é muito longo. O que faz um investidor vir para cá? Tanto lhe custa investir aqui, em Aveiro ou na Feira. O que faz a diferença? O custo do terreno ou do edifício a reabilitar, e pouco mais. O tempo de decisão torna-se fator decisivo.

Mas continuas otimista?

Continuo a acreditar no nosso potencial coletivo, e se soubermos fazer uma análise crítica, poderemos continuar o legado que nos deixaram, que em certa medida foi muito bom.

Por falar em legado, encontrei há dias um esboço para a construção de um "Posto Náutico" no Carregal, datado de 1959/60, possivelmente da autoria do Arq. Januário Godinho de Almeida, (que não foi construído). Lembro que também projetaste para a SNADO um equipamento neste local...

Sim, foi um projeto para resolver a falta de instalações básicas, administrativas, sociais. Mas não teve continuidade. E falando de projetos não concretizados, fiz também no Carregal, com o Armando Silva, um grande projeto de índole urbanística em terrenos que iam da Ria ao Mar, um projeto de uma dimensão que hoje nos deixa surpreendidos. Como era possível uns rapazes de trinta e poucos andarem a desenhar cidades...

Recordo-me bem de uma maquete que foi exposta... era de facto quase uma cidade, com hotéis, zonas habitacionais, moradias e multifamiliares, enormes zonas verdes e uma Avenida arbórea...

Os projetos não realizados poderiam ser matéria de uma exposição, até de muitas. Há tempos visitei uma exposição de projetos não realizados do Souto de Moura. Poderíamos avançar com algo do género! Seria também um ótimo momento de reencontros e de conversa entre nós e as novas gerações de arquitetos e artistas que teimam em aqui trabalhar.

Esta é uma boa forma de terminarmos a conversa, um desafio para uma exposição e a pertinência de nos voltarmos a encontrar para refletirmos sobre "o que ainda não foi feito"... Vamos pôr mãos à obra?

Pode ser! Temos que nos encontrar mais vezes!...

E foi assim que aconteceu, uma (duas) conversas agradáveis e divertidas que duraram mais de duas horas, sobre temas que nos envolvem e apaixonam, e das quais resultou esta muito sintética síntese, num espaço agradável e acolhedor... Um reencontro entre dois amigos com percursos que se vão cruzando ao longo dos caminhos da vida, que percorremos e continuaremos a percorrer, até que já não possamos segurar nas mãos a areia necessária para mais construções. Reais ou imaginárias.

(este texto resultou de duas conversas havidas na casa Museu de Júlio Dinis, em Ovar, em outubro e novembro de 2023, para a revista "Reis".

Devemos agradecer a hospitalidade e a cooperação do Dr. António França, diretor desta Casa Museu.)

